

ESCREVER MUITO BEM, ESCREVENDO MUITO POUCO

Atividades em torno da escrita, da leitura, da atenção e da metacognição

O método das Histórias em 77 Palavras

Ao longo do percurso através dos anos, dando workshops de escrita em escolas, a adultos e professores, crianças e jovens, surgiram em 2011 os desafios de escrita, publicados no blogue «Histórias em 77 Palavras». São lançados a cada dez dias e abrangem temas e formatos muito diversificados. Não utilizamos propositadamente o nome «escrita criativa», pois o objetivo destes desafios não é o de dar receitas para escrever um conto, um romance, etc. – o que pretendemos é trabalhar a construção de texto em si. Pretendemos que a escrita se transforme num jogo divertido que nos leva a conhecer melhor a forma, o conteúdo e o género de texto que queremos produzir.

Princípios fundamentais

1 – Escrever em 77 palavras

O número em si consiste no ponto médio entre textos de 50 palavras (muito difícil para contar uma história) e as 100 (muito mais simples), repetindo-se o 7 para ter alguma graça.

Será, como é óbvio, um texto curto. Contudo, nunca se devem contar as palavras enquanto escrevemos, pois isso vai distrair o cérebro do jogo, da vontade de brincar. O ideal é escrever mais do que 77 palavras, para que depois se corte o excedente, como iremos observar a seguir. É neste momento de revisão e reescrita que está a virtude deste exercício.

2 – Desbloquear

Associado ao ato de escrever, infelizmente, o medo aparece muitas vezes, dizendo os alunos que não têm ideias ou que não gostam de escrever. Contudo, não estão sozinhos nestes receios, pois muitos professores sentem a mesma pressão desconfortável ao ter de escrever uma história, um texto.

Isto é, em termos mentais, um fator de grande prejuízo para a criatividade. O cérebro primitivo, ao sentir esse medo, essa pressão, entra em modo de sobrevivência, quebrando as ligações ao cérebro pensante, provocando, até, sensações de dissociação, como se nos ouvíssimos pensar e sentir aflição, mas nada nos ocorresse para escrever.

Sendo este reflexo da nossa mente muito útil para enfrentar um perigo real (um animal feroz, um atacante, etc.), de nada nos serve para sermos criativos. Para isso, o cérebro pensante tem de estar descontraído, a brincar, relacionando conhecimentos, pois assim poderá fazer associações livres de ideias, memórias, frases e imagens.

É esse o segredo dos desafios: são verdadeiros quebra-cabeças divertidos, como por exemplo escrever uma carta de amor sem usar a letra A, ou ter um percurso de palavras impostas, ou até sílabas que devem aparecer em X palavras do texto.

Assim que percebemos que estamos perante algo que (achamos nós) nunca será um texto extraordinário, descontraímos e começamos a brincar. É essa concentração descontraída que nos permite ir mais longe. Muitas vezes, os textos finais são surpreendentes, ficando quem os escreveu incrédulo – é a magia do jogo a auxiliar todo o processo.

3 – Pistas versus tema livre

Dizer que dar total liberdade para que possamos escrever é fantástico, é exatamente o contrário do efeito idealizado. Para quem não tem muitos momentos de escrita na bagagem, a mente fica em branco, imitando o papel. Não ajuda, assusta (e muito!), e já percebemos que esse medo cria o bloqueio.

É por essa razão que se dão pistas. Pode ser um tema ou uma imagem, uma frase de um autor ou frases que deverão pontuar o texto (no início e no fim, por exemplo), mas nunca se parte do vazio. Faz diferença? Faz muita diferença, porque temos algo que nos impele para a escrita, brincando. Começamos a relacionar palavras, ideias, recordações, deixando que o nosso cérebro se divirta a escrever.

Estes textos terão, assim, um fio condutor, ou bitolas que ajudam a esboçar as ideias. Quanto mais variados forem, mais divertido se torna o exercício. Para dar um exemplo, de um desafio com grande sucesso, temos um onde a única obrigação consistia em ter uma rã no sofá. Bastou apenas isto para surgirem textos muito interessantes.

4 – Rever, reescrever

Mas, como já foi explicado, precisamos de deixar o texto com 77 palavras, e é nessa reescrita, no corta e cola, substitui e escreve de novo, que a nossa metacognição entra em campo, pensando sobre a escrita, equacionando soluções e formas diferentes de dizer o mesmo.

Como se faz? Num primeiro momento, damos caça aos exageros. Alguns deles são:

- Possessivos a mais;
- Sujeitos de frases a mais, podendo retirar-se alguns;
- Aplicar uma lupa e apagar muitos que, pois aparecem por todo o lado;
- Cortar os queques... ou seja os «O que é que»;
- Não querer textos tinhosos, que é o mesmo que dizer que há demasiados tinha dito, tinha feito, etc. no texto (e podemos optar pelo Mais-que-perfeito);
- Optar pela descrição indireta de personagens e cenários, aliviando a adjetivação;
- Procurar os excessos de pontuação (demasiados !!! e ...);
- Observar a repetição de palavras: é propositada? Muito bem. Não é? Substitui-se;
- Não dizer tudo... deixar que o leitor tenha de construir parte do texto.

Consequências deste trabalho

Contrariamente a muitos medicamentos, as contraindicações deste trabalho são inexistentes. O que temos observado é um crescente prazer em escrever (e, conseqüentemente, em ler), um melhor conhecimento do processo de escrita de cada um (metacognição) e um enorme orgulho em partilhar os textos.

Terá de ser sempre em 77 palavras? Claro que não. O blogue precisava de regras para publicar textos e arranjou-se um tamanho ideal para fazer este trabalho, pois os textos mais curtos são sempre os mais exigentes em termos de qualidade. Contudo, ele é repetível em qualquer texto, seja grande ou pequeno, pois passar por estes passos implicará sempre um enorme crescimento da escrita individual, assim como coletiva (quando os textos são feitos em conjunto).

Outra grande vantagem prende-se com o facto de partilhar em grupo os textos e perceber (e aprender) como, com as mesmas premissas, chegamos a textos tão diferentes.

O ideal seria revermos os textos num tempo diferente, criando distância entre o que se escreveu no calor do momento e o trabalho de reescrita. É uma pena lermos tantas vezes rascunhos. Como seriam os textos se tivessem tempo para respirar?

Muito importante será revelar que este processo, este método, é utilizado com muito sucesso em idades que vão dos 6 aos 101 anos (no blogue, havendo igualmente textos de crianças mais novas, feitos em grupo). Usar esta estratégia na educação de adultos tem dado frutos muito interessantes, vale a pena trabalhar assim.

Recapitulando

- Evitar a todo o custo o tema livre;
- Desafiar os alunos para que escrevam com prazer, através de jogos e desafios divertidos, para evitar o bloqueio da escrita;
- Escrever sempre mais do que o pretendido, para poder depois cortar;
- Aprender quais são as nossas muletas de escrita, para poder erradicá-las dos textos;
- Saber editar o texto, pois é o verdadeiro momento literário da escrita;
- Lutar para que esse momento de edição e reescrita aconteça num tempo diferente, permitindo a distância;
- Partilhar os textos no grupo e aprender com os outros mais caminhos de escrita.